

Roseana Murray

# Residência no Ar

Ilustrações: Evelyn Kligerman



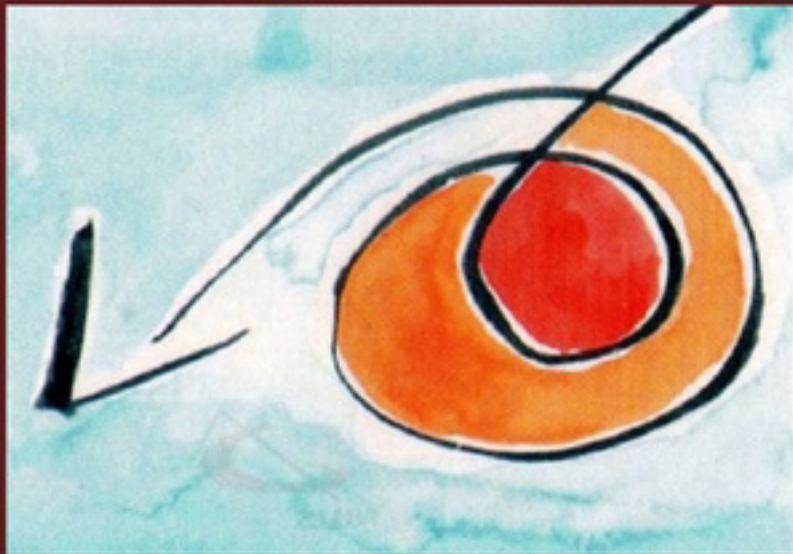
Residência no Ar  
Edições Digitais

DIAGRAMAÇÃO E APOIO GRÁFICO:  
SIMONE BRAGA

# Residência no Ar

Não sei o que me convém,  
se uma casa segura,  
janela, quartos e trincos  
ou se as portas todas abertas,  
se residência no ar.

Não sei o que me convém,  
se uma casa encerada,  
a família pro jantar,  
ou se ventania na estrada,  
se residência no ar.



Não sei o que me convém,  
se uma casa caiada  
com horta, jardim e pomar  
ou se andarilha no mundo,  
se residência no ar.



## Roteiro

Navegar por entre  
nebulosas e brumas,  
luas e sóis,  
vendavais e sonhos  
e paixões  
requer instrumentos  
afinados,  
bússolas especiais.



Seguir palmo a palmo  
o roteiro escrito nas mãos,  
escarpas e desertos,  
dunas ou temporais  
para chegar aonde  
o inesperado  
abre suas asas.



## Fios de vento

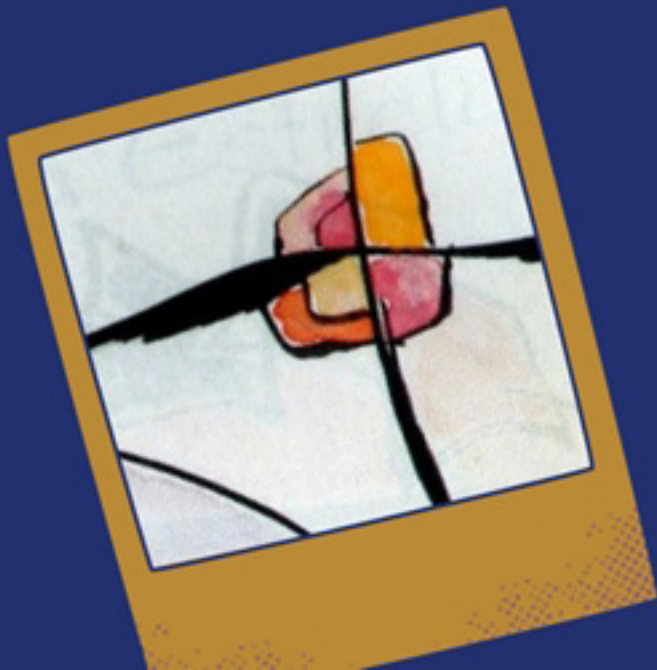
O tempo faz e desfaz  
rostos, tramas,  
armadilhas,  
acende e apaga o fogo  
nos quatro cantos  
da vida,  
nas aéreas encruzilhadas.

De madrugada o circo  
esvoaça seus silêncios  
de estrelas rotas,  
de sonhos costurados  
com fios de vento.



A lua é de seda  
ensanguentada,  
derrama sobre a terra  
suas duas faces:  
sombra e prata.

O circo ali pousado,  
redonda árvore adormecida,  
instaura uma estrada nova  
onde o absurdo  
crava as suas pegadas







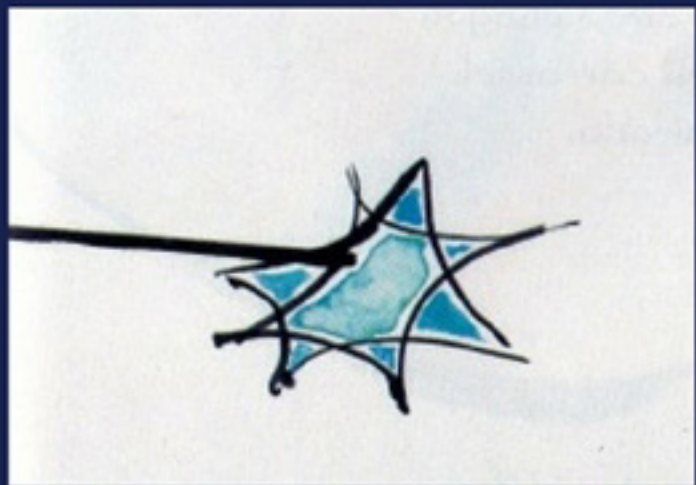
## Tear

Com fios de pensamento  
se tece o mundo,  
se costuram pedaços  
rasgados  
de vida,  
nesse tear estranho  
que só o homem possui:  
tear de sonhos.



## Primeira estrela

Amor se escreve  
no vento  
com asas de beija-flor,  
se escreve na água,  
na terra, no fogo,  
na primeira estrela  
ardendo de madrugada.





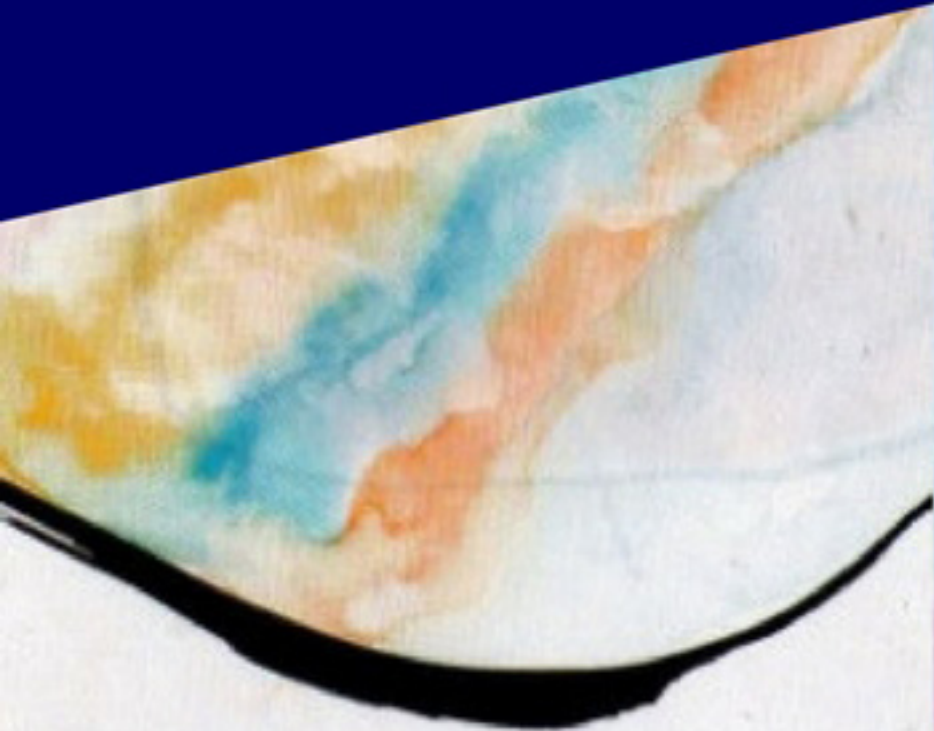
## Carrossel

Toquem os sinos,  
toquem os sinos,  
todos os sinos  
para acordar o sol  
e as sementes dos sonhos  
adormecidas  
dentro dos cristais  
que o circo chegou  
em seu carrossel  
desvairado.



# Arco-íris

Desde o começo do mundo  
homens e mulheres  
caminham,  
a seta aponta sempre  
para o final do arco-íris.







# Pote

A montanha guarda segredos,  
cavalos e pássaros, moinhos  
de silêncio em suas trilhas  
mastigadas pelo vento.

Um pote de desejos  
enterrado em alguma  
curva do caminho  
lateja no meio da noite.

# Liberdade

O homem carrega  
a sua liberdade  
na concha das mãos,  
pequena aranha azul  
na linha das mãos  
e sonhos enrolados  
no corpo  
pelas estradas da vida.





# Areia dourada

Tudo é permitido  
quando se carrega no bolso  
um punhado de areia dourada:  
o encontro de peixes e pássaros.

Na ciranda da vida  
passe adiante o anel,  
a chama das palavras  
e dance ao som da Via Láctea.

A Terra gira no céu,  
somos todos bailarinos.





## Novelo

Com fina linha prateada  
o sonhador borda a sua vida:  
na fronteira entre o dia e a noite,  
entre uma estrela e outra,  
uma palavra e sua sombra,  
ergue um castelo de vento,  
desfralda as bandeiras da paz.





## A última estrela

Um galo bica  
a última estrela  
e se ilumina:  
com seu grito  
acorda o sol.

Dança em seu sonho  
a menina,  
um fio de manhã  
descostura seus olhos,  
entra em sua noite,  
desarruma os desejos.

O dia começa  
com seu carrossel  
de surpresas.



# POÇO



Em cada encruzilhada  
há um poço onde  
descansam os desejos:  
o viajante que passa  
para por um instante,  
mergulha  
as mãos em concha,  
lava o rosto e sussurra  
um segredo.

A água é cristalina  
e canta a saga  
dos sonhadores ambulantes.





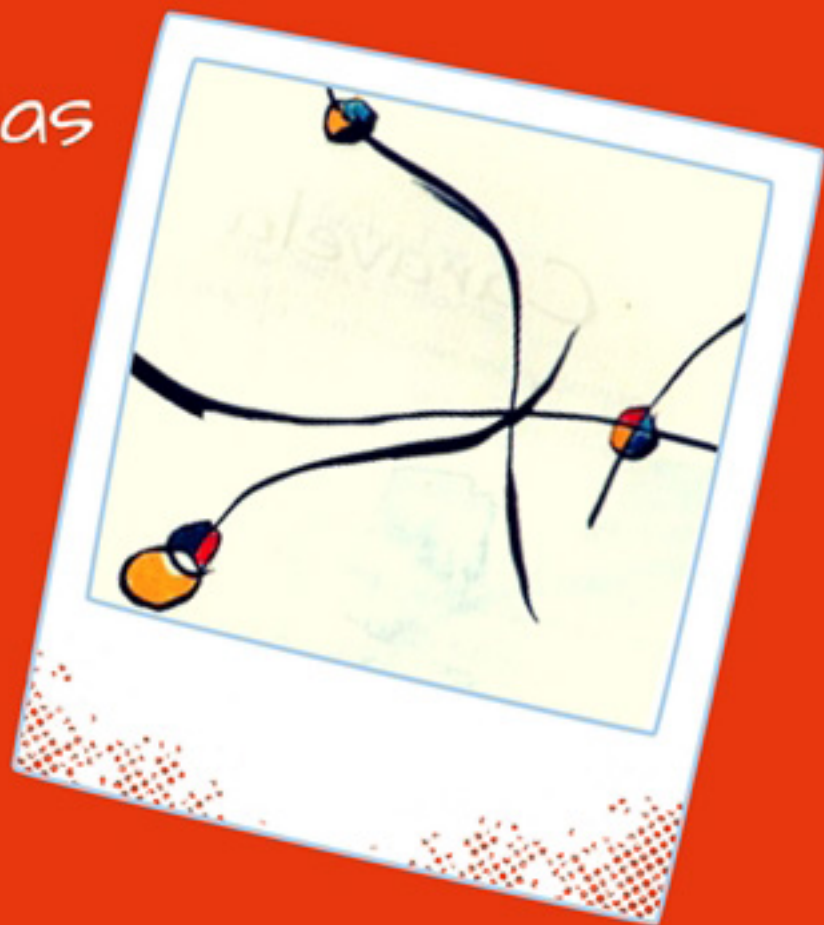
# Mulheres acrobatas

Onde se esconde a nascente dos sonhos?

Em que alta montanha ou profundidade de abismo?

Em que curva de rio ou espuma de onda?

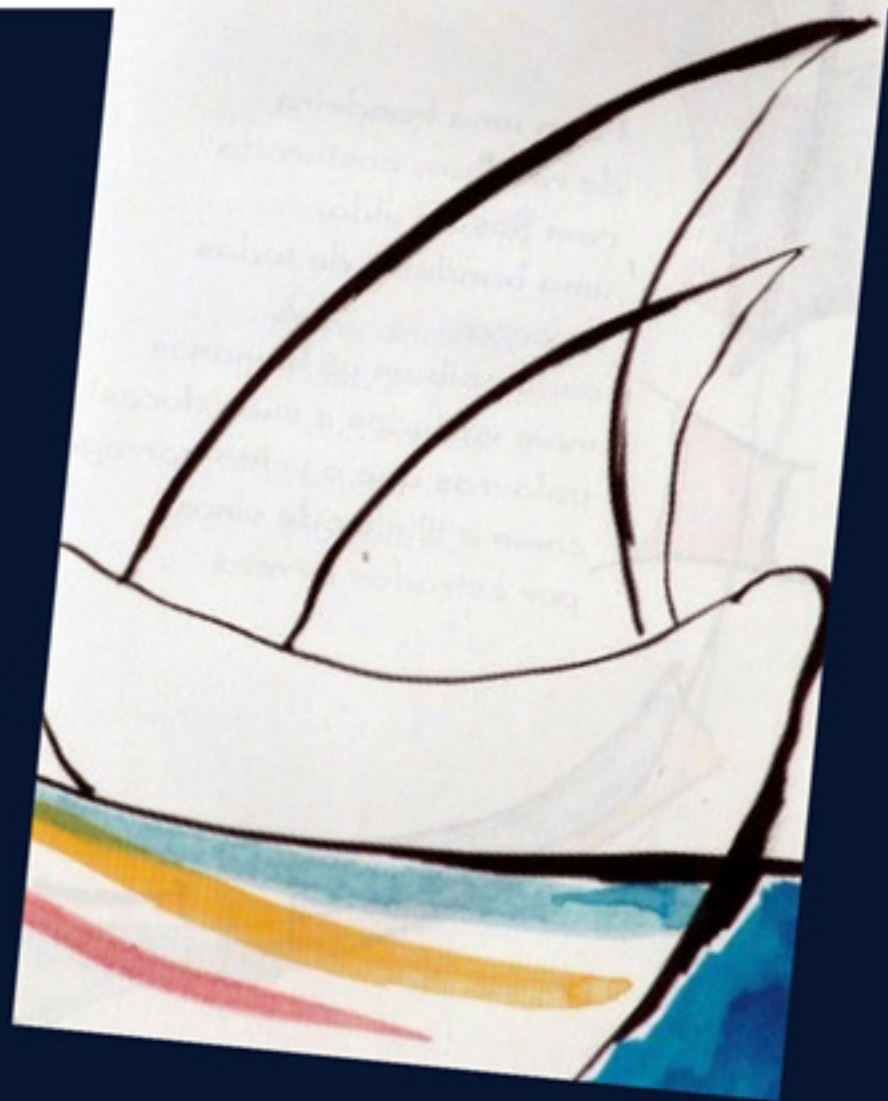
Em que gaze esgarçada ou doçura de vento?



Nas estradas batidas por unicórnios e silêncios os saltimbancos vão passando rumo ao coração de cada um com seus trapézios e luz e mulheres acrobatas.

# Caravela

Busco os fios que tecem  
a mais leve caravela,  
a que atravessa continentes  
que não existem,  
ilhas desconhecidas,  
terras escondidas por mares  
de neblina,  
colinas que abrigam cavalos  
azuis,



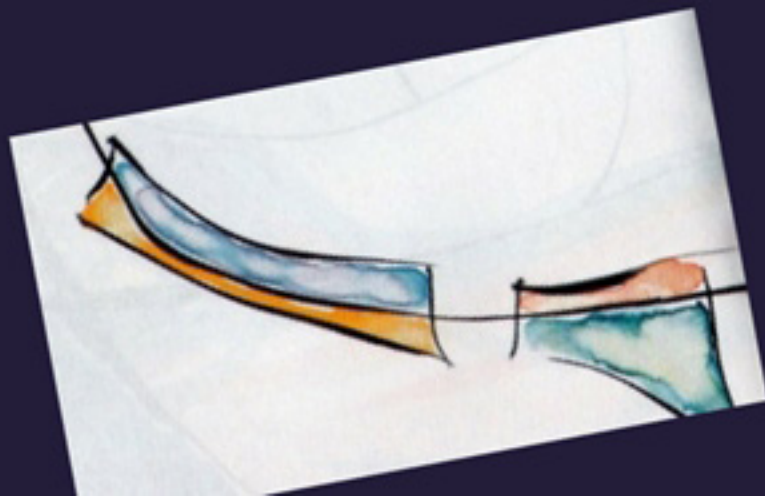
De olhos fechados  
adivinho seu contorno,  
ela oscila junto com meu corpo  
sempre pronta para a partida.



# Bandeira

Faça uma bandeira de retalhos, costurada com fios de vida, uma bandeira de todas as cores, onde caibam os humanos mais variados e suas doces palavras que o vento carrega com o tilintar de sinos, por estradas aéreas.

A verdadeira casa é o coração e seus labirintos.



# Convite

Todos estão convidados,  
até as sementes na escura  
noite da terra,  
envoltas em silêncio e espera,  
e as pedras dos rios  
polidas pelas águas.

Todos estão convidados,  
mesmo os que já não existem  
e os que estão para nascer  
em suas casas  
que ainda nem foram erguidas.



Venham todos,  
homens e mulheres, velhos e crianças  
com seus destinos enrolados nos pulsos,  
venham com suas roupas de domingo,  
diamantes nos olhos e um ar de inocência  
que há muito ficou perdido.

Venham rir com o palhaço.





# Rota

E se um dia a Terra  
se cansar da sua rota celeste,  
fizer uma pausa em sua caminhada  
cós mica  
e, por um tempo que ninguém  
poderá medir,  
flutuar parada,  
esquecida no azul?

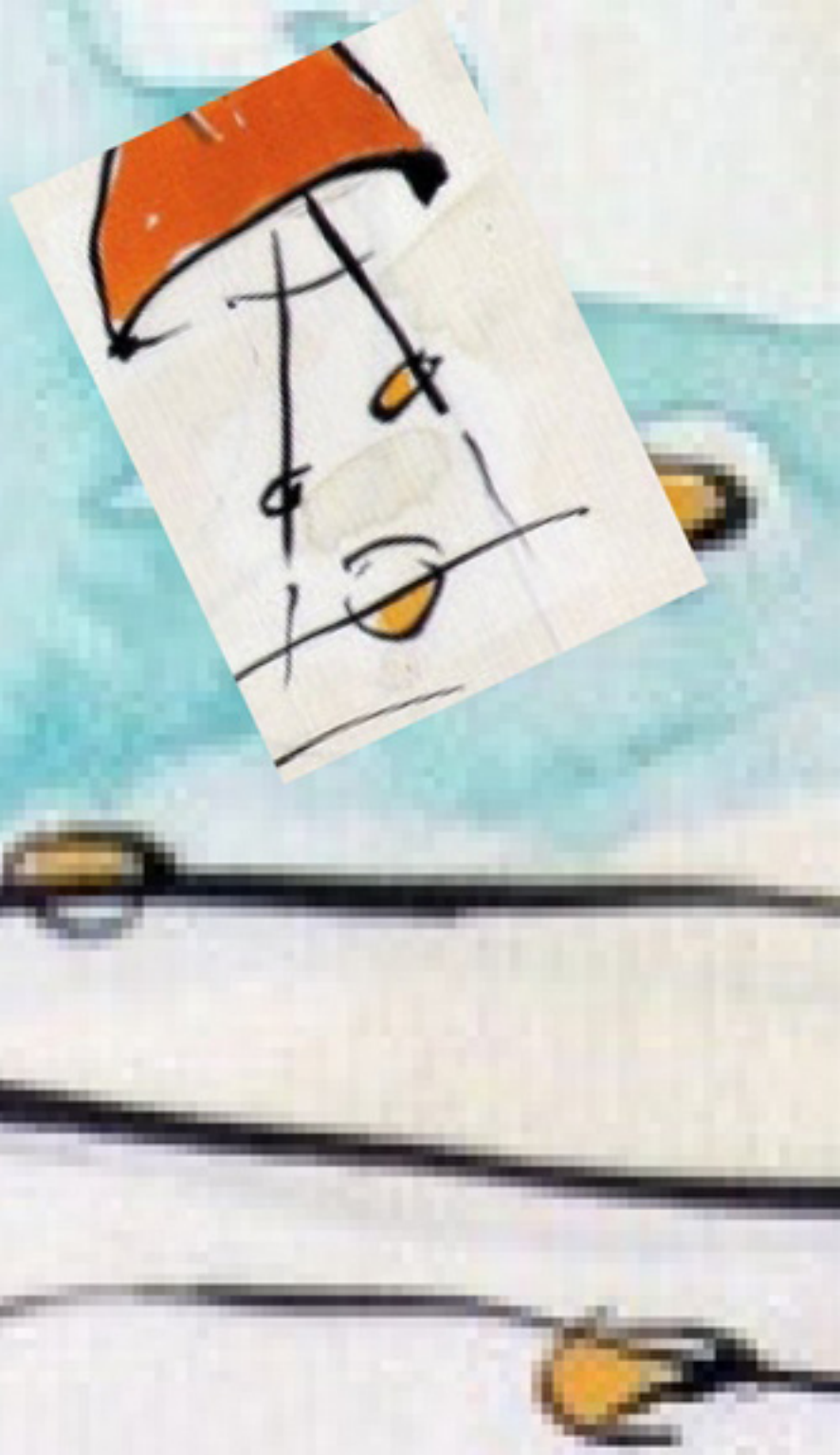
# Fotografia

Atrás de mim, as montanhas;  
na frente, o mar.

Uma garça passeia solitária,  
a lua cheia flutua esquecida  
nas primeiras horas da manhã.

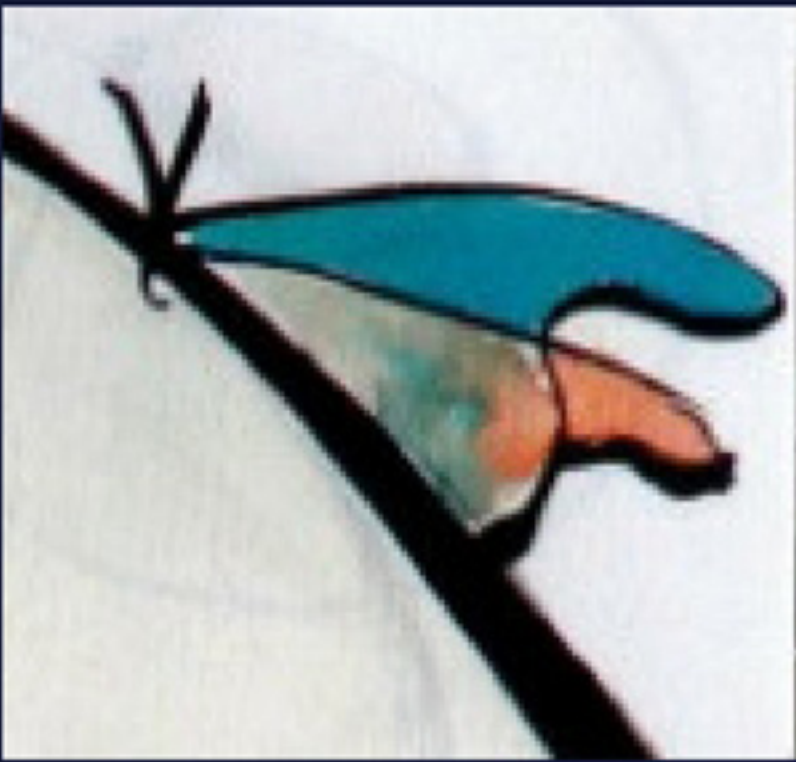
Meus pensamentos, grãos  
de areia  
para alimentar  
o tecido da vida.

Assim escorre a ampulheta.

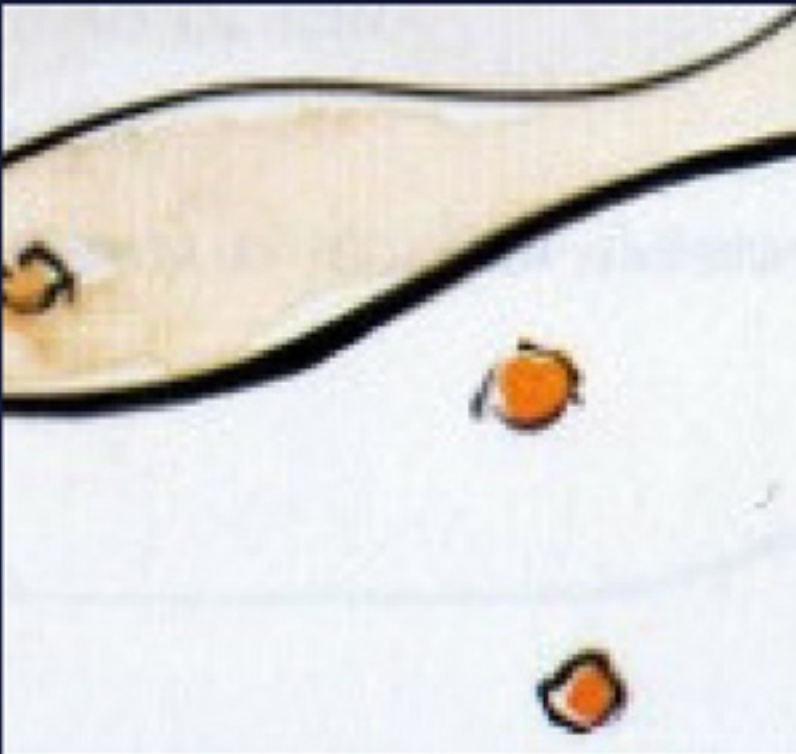




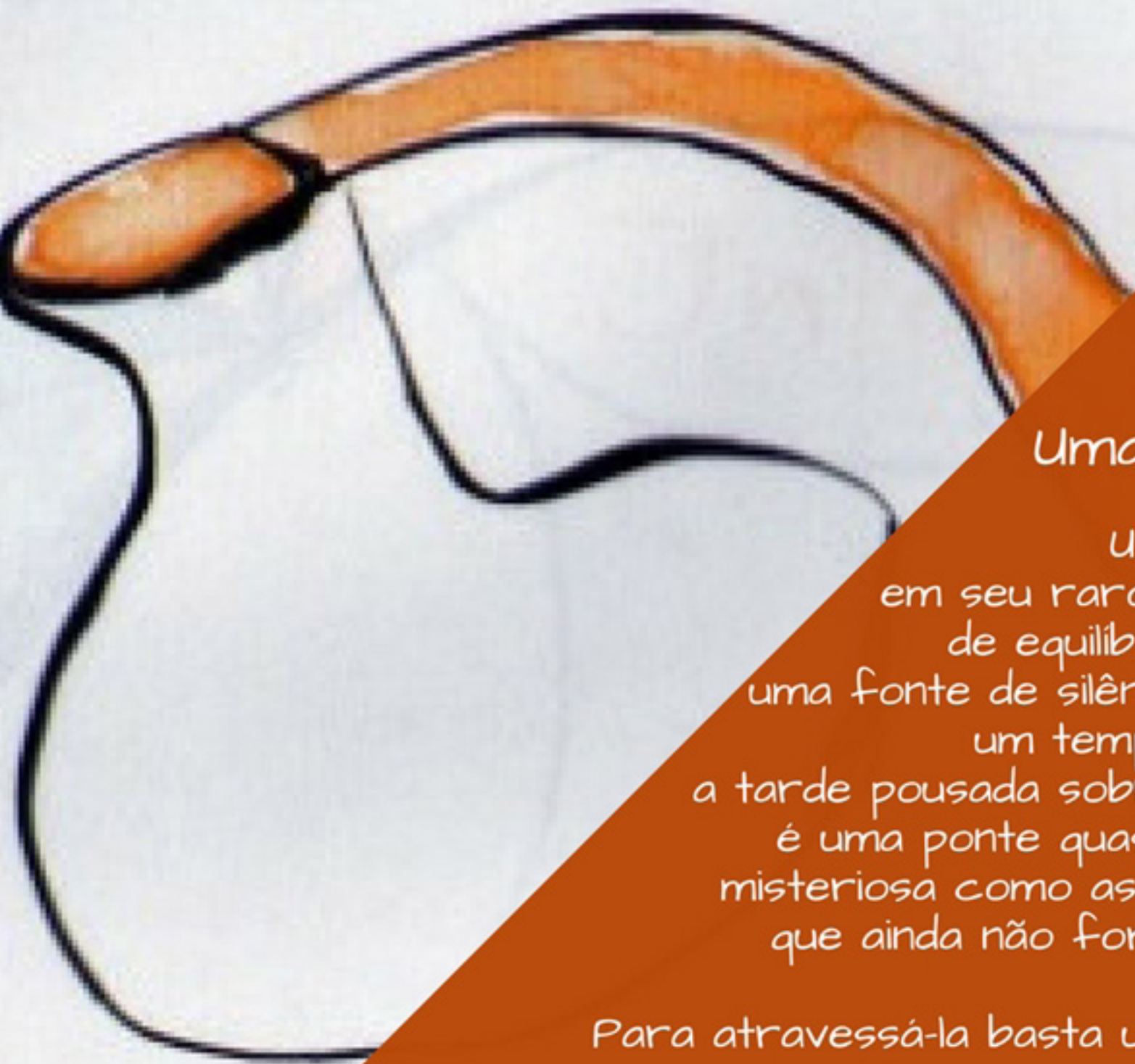
# Infância



O circo fala  
a língua transparente  
dos sonhos,  
abre as portas de um país  
onde as lembranças pousam  
suavemente  
na superfície das coisas,  
onde a infância dorme  
feito borboleta  
com asas dobradas.



O circo paira a um palmo  
do impossível,  
faz tinir seus guizos,  
acorda as sombras.

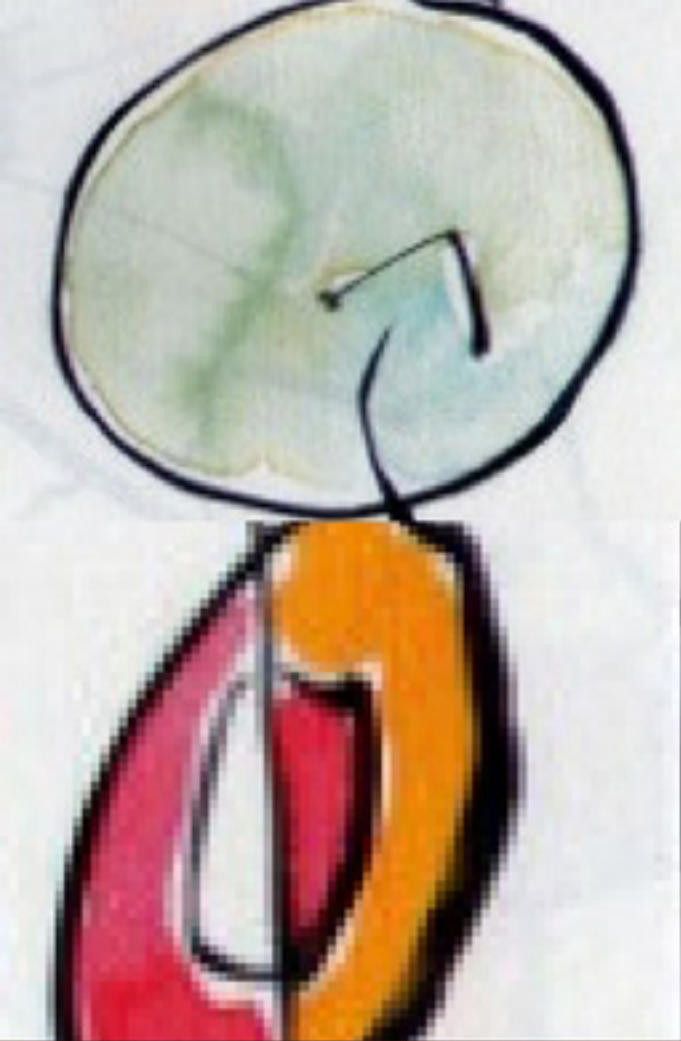


## Uma ponte

Uma ponte  
em seu raro instante  
de equilíbrio e mel,  
uma fonte de silêncio jorra  
um tempo antigo:  
a tarde pousada sobre o mar  
é uma ponte quase velada,  
misteriosa como as palavras  
que ainda não foram ditas.

Para atravessá-la basta um sopro.





# Para onde vai?

Para onde vai o circo caminhando  
dentro das suas carroças  
cheias de quizes,  
caminhando dentro da minha vigilia?  
Ouço seu tropel, suas vozes  
e cantos, os risos, os prantos,  
chora a bailarina por um amor perdido.



Para onde vai o circo,  
para qual terreno baldio  
da minha infância,  
para qual praça que já não existe mais?

# Anjos

Esvoaçam os anjos  
para recolher o tempo  
que deixamos escapar  
entre um suspiro e outro.

Sobre o ar azul  
deslizam seus pensamentos.







# Construção

Para construir uma casa  
no ar  
todo cuidado é pouco:  
há que amarrá-la  
com cordas de luz  
na raiz das palavras  
azuis  
e deixar que flutue,  
guardiã dos nossos sonhos.



Por que choram  
os palhaços?

Um palhaço caminha  
por cima dos telhados.

Caminha sombrio,  
na hora em que sonhos  
se dissipam  
e viram nuvens  
e viram chuva.

Por que choram os palhaços?



# Clareira

Dentro do coração  
desenho uma clareira  
varrida de luz:  
ai desdobro os mapas,  
arrumo as bússolas  
e todos os instrumentos  
para velejar no ar.

lço as palavras  
"amor", "orvalho",  
"vento"  
e recolho as âncoras.



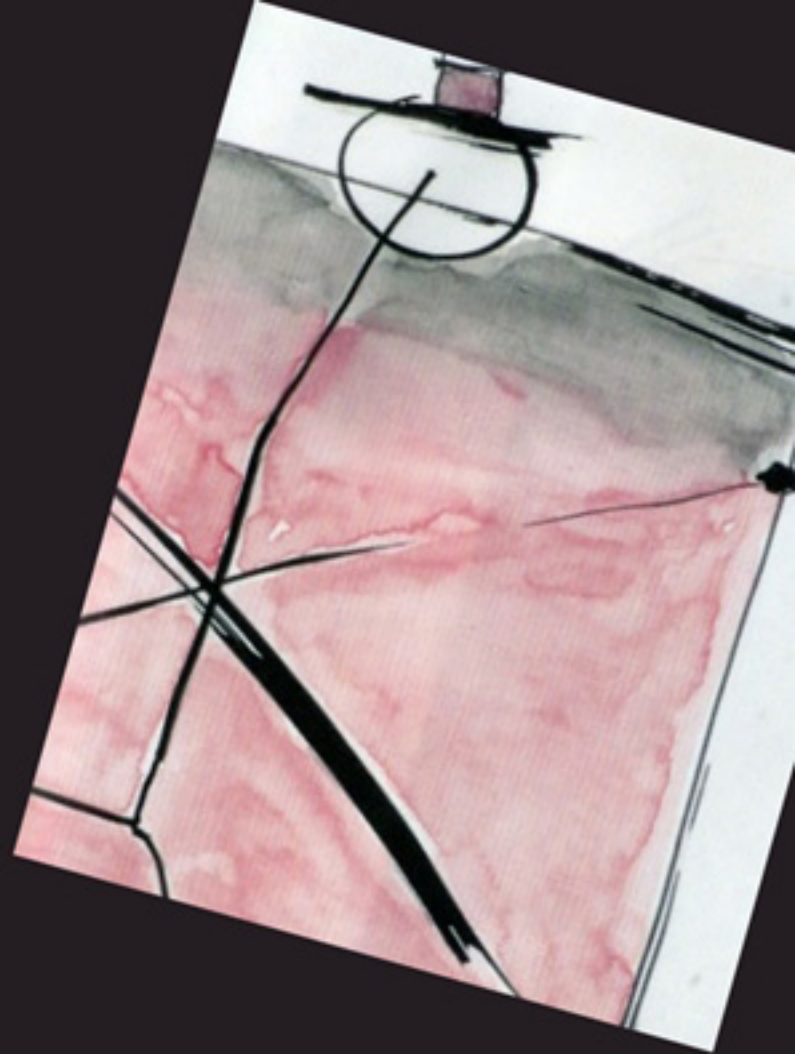
Meu corpo, livre  
de toda a gravidade,  
já pode voar.



# Paul Klee

Os olhos como barcos,  
entro escondida  
num quadro do Klee.  
O céu é a rua,  
e o equilibrista,  
quase sem respirar,  
me ensina os segredos da vida.  
Sobretudo, ele me diz,  
é preciso saber conservar  
as pernas no ar  
e manter o olhar perdido;  
carregar pedaços de lua  
no pensamento e sonhar.

A vida é pura navegação  
e saio do quadro  
como um pássaro invisível.



PAUL KLEE, 1879-1940, pintor suíço.

Sua pintura encanta mundialmente pelo lirismo lúdico e a fina ironia, pelos mundos do invisível e do fantástico que transitam, pela riqueza do seu colorido e delicadeza do desenho.



# A bagagem do poeta



Dentro da maleta  
uma bailarina e três segredos,  
guardados  
no fundo da sapatilha esgarçada;  
o mago e o dicionário de palavras  
mágicas, quase inexistentes;  
um acrobata e a escada de vento  
para subir nos telhados  
e colher vagalumes.

Um poeta arruma a bagagem  
o circo que carrega desde  
a mais longínqua infância,  
com sua lona furada,  
por onde choviam estrelas cadentes.